



OLHARES

REVISTA DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - UNIFESP

**A LITERATURA PARA A INFÂNCIA COMO “FONTE” PARA A HISTÓRIA  
DOS PROCESSOS CULTURAIS E EDUCACIONAIS:  
o caso italiano<sup>1</sup>**

LA LITERATURA INFANTIL COMO “FUENTE” PARA LA HISTORIA DE LOS  
PROCESOS CULTURALES Y EDUCATIVOS: el caso italiano

LITERATURE FOR CHILDREN AS A “SOURCE” FOR THE HISTORY OF  
CULTURAL AND EDUCATIONAL PROCESSES: the Italian case

Roberto Sani  
Dipartimento di Scienze della Formazione, dei Beni Culturali e del Turismo  
Università degli Studi di Macerata, Italy  
roberto.sani@unimc.it

**Resumo:** Com base na evolução dos estudos sobre a história da literatura infantil na Itália durante os últimos vinte anos, o artigo visa analisar o papel da literatura infantil nos séculos XIX e XX como ferramenta para a transmissão e universalização dos valores fundamentais para a realização da hegemonia política e cultural burguesa na Itália e no resto da Europa. O texto, também, ressalta a produção literária para crianças e jovens como fonte de importância primordial para uma análise profunda do imaginário infantil e adulto sobre a infância e para uma compreensão mais articulada dos processos educacionais que caracterizaram a sociedade italiana na virada dos séculos XIX e XX.

**Palavras-chave:** Literatura infantil. História. Processos culturais. Itália.

**Resumen:** Basado en la evolución de los estudios sobre la historia de la literatura infantil en Italia durante los últimos veinte años, el artículo tiene como objetivo analizar el papel de la literatura infantil en los siglos XIX y XX como herramienta para la transmisión y universalización de valores fundamentales para la realización de la hegemonía política y la cultura burguesa en Italia y el resto de Europa. El texto también destaca la producción literaria para niños y jóvenes como fuente de primordial importancia para un análisis profundo del imaginario de niños y adultos sobre la infancia y para una comprensión más articulada de los procesos educativos que caracterizaron a la sociedad italiana entre los siglos XIX y XIX.

**Palabras clave:** Literatura infantil. Historia. Procesos culturales. Italia.

<sup>1</sup> Texto original em Italiano *La letteratura per l'infanzia come “fonte” per la storia dei processi culturali e formativi: il caso italiano*, apresentado na conferência realizada por Roberto Sani, em 19/11/2021, promovida por Maria do Rosário Longo Mortatti (Unesp-Marília) e Fernando Rodrigues de Oliveira (Unifesp-Guarulhos). Tradução por Maria do Rosario Longo Mortatti.



**Abstract:** The article, starting from the evolution observed in the last 15-20 years in the studies on the history of children's literature in Italy, focuses on the role played by this literature in the nineteenth and twentieth century in the transmission and universalization of the values at the basis of the political and cultural hegemony of the bourgeoisie in Italy and the rest of Europe. The author also highlights that this kind of literary production for children and young people is a source of primary importance for both a deeper understanding of childhood imagination and greater knowledge of adults perspective on imagination in childhood. Likewise, this literature is crucial for a more articulated and profound understanding of the training processes that characterized the Italian society at the turn of the nineteenth and twentieth century.

**Keywords:** Children's literature. History. Cultural processes. Italy.

## Introdução

Creio que não se possa pôr em dúvida que a história da literatura para a infância tenha conhecido na Itália, em particular nos últimos 15-20 anos, um intenso e incisivo desenvolvimento também em virtude do crescente espaço que a disciplina vem conquistando, nesse período, no âmbito acadêmico e, sobretudo, de sua crescente e — de meu ponto de vista — feliz contaminação com a história da educação e dos processos culturais e formativos<sup>2</sup>.

Desse ponto de vista, o título que decidi dar à minha conferência (*A literatura para a infância como “fonte” para a história dos processos culturais e educacionais: o caso italiano*) não pretende de modo algum representar uma tentativa de diminuir o significado e o alcance de suas contribuições historiográficas, nem minar sua autônoma caracterização epistemológica e científica.

Com isso, mais simplesmente, pretendo destacar o papel que a história da literatura para a infância vem assumindo ultimamente, com o propósito de uma compreensão mais ampla e incisiva dos processos culturais e formativos mais gerais que caracterizaram a sociedade italiana nos últimos dois séculos<sup>3</sup>.

Pode-se dizer, a esse respeito, que o ponto de vista dos historiadores da literatura infantil, suas análises e reconstruções, a riqueza e a versatilidade dos resultados de suas investigações proporcionaram pesquisas histórico-educacionais e culturais com abordagens, itinerários e ferramentas interpretativas muito mais ricas e estimulantes do que aquelas que, até aquele momento, eram propostas por uma reflexão em uma chave histórica das teorias pedagógicas (todas tocadas nas instâncias teóricas de “dever ser”), ou por uma historiografia escolástica baseada em grande parte na dimensão legislativa ou institucional<sup>4</sup>.

<sup>2</sup> Cfr. A. Ascenzi, *La storia della letteratura per l'infanzia oggi. Prospettive metodologiche e itinerari di ricerca*, in Ead. (a cura di), *La letteratura per l'infanzia oggi*, Milano, Vita e Pensiero, 2003, pp. 109-120.

<sup>3</sup> Cfr. C. Covato, R. Sani, *Una historiografía en constant evolución. Nuevos itineraries y perspectivas de investigación en el campo de la historia de la educación*, in «History of Education & Children's Literature», XIV (2019), 2, pp. 911-934,

<sup>4</sup> Cfr. D. Julia, *La storia dell'educazione come storia culturale*, «Contemporanea» VII (2004), 2, pp. 263-286.



Sem mencionar a tradicional contribuição oferecida pela chamada “história social”, tão em voga há algumas décadas, cuja estranheza e indiferença ao “peculiar” e ao “específico” dos processos puramente educativos e das práticas propriamente formativas (com o risco de perder, no grande mar da *dimensão social*, o valor e o alcance da *variável educativa*, no sentido estrito), acabou por tornar mais cautelosos e comedidos aqueles que esperavam resultados surpreendentes da crescente assimilação da história da educação à história social.

Pode-se acrescentar que é mérito não secundário da historiografia recente sobre a literatura para a infância ter oferecido aos historiadores da educação ideias relevantes para a análise e compreensão de fenômenos e processos até então apenas tocados, quando não completamente ignorados por estes últimos (historiadores da educação).

Bastaria aqui fazer referência ao imaginário infantil ou ao dos adultos sobre a infância e sua evolução ao longo do tempo; mas também se poderia mencionar o tema da história da mentalidade, ou seja, o papel desempenhado pela literatura infantil na construção de esquemas mentais, universos simbólicos, convicções morais e costumes civis, destinados a moldar e alimentar o universo de comportamentos individuais e coletivos<sup>5</sup>.

Por esse lado, não acho excessivo enfatizar o papel desempenhado pela literatura infantil na transmissão e universalização de muitos dos modelos e diretrizes desenvolvidas no campo pedagógico, sejam quais forem a raiz e a gênese da pedagogia, ou pedagogias, dominantes em determinada época.

Apenas para dar dois exemplos, pensem nas características da transmissão/recepção de valores na base da hegemonia política e cultural burguesa na Itália e na Europa do século XIX ou, por outro lado, nas formas de penetração, na sociedade italiana entre as duas guerras mundiais, da ideologia totalitária fascista<sup>6</sup>.

Uma contribuição significativa, portanto, oferecida pela história recente da literatura para a infância, que talvez seja oportuno historicizar (se me permitem o trocadilho), ou seja, retrabalhar sua evolução, concentrando-se talvez, ainda que de forma necessariamente sintética, nas contribuições de pesquisa que tornaram possível tal evolução<sup>7</sup>.

<sup>5</sup> Cfr. P. Boero (a cura di), *Storie di donne: Contessa Lara, Anna Vertua Gentile, Ida Baccini, Jolanda. Scrittura per l'infanzia e letteratura popolare fra Otto e Novecento*, Genova, Brigati, 2002.

<sup>6</sup> Cfr. R. Sani, *L'educazione dell'Infanzia nella storia. Interpretazioni e prospettive di ricerca*, in L. Caimi (a cura di), *Infanzia, educazione e società in Italia tra Otto e Novecento*, Sassari, EDES, 1997, pp. 21-56; e a versão ampliada e atualizada dessa contribuição, em língua portuguesa: R. Sani, For a history of childhood and of his education in contemporary Italy. Interpretations and perspectives of research. «Cadernos de História da Educação», 15 (2016), n. 2, pp. 808-862. Com referência ao fascismo, veja-se o recente trabalho de M. Colin, «*Les enfants de Mussolini*». *Littérature, livres, lectures d'enfance et de jeunesse. De la Grande Guerre à la chute du régime*, Caen, Presses Universitaires de Caen, 2010. Anche R. Sani,

<sup>7</sup> Cfr. A. Ascenzi, R. Sani. *Per una storia della storiografia sulla letteratura per l'infanzia nell'Italia dell'Otto e del Novecento*. in A. Antoniazzi (a cura di), *Scrivere, leggere, raccontare... La letteratura per l'infanzia tra passato e futuro. Studi in onore di Pino Boero*, Milano, Franco Angeli, 2019, pp. 40-61.



## 1. Gênese e desenvolvimentos de uma nova historiografia sobre literatura para crianças e jovens: as últimas três décadas

Em 1995, Pino Boero e Carmine De Luca publicaram pela editora Laterza o conhecido e bem-sucedido volume *La letteratura per l'infanzia*, no qual propuseram a especialistas e estudiosos da disciplina os resultados de um longo e notável trabalho de pesquisa com objetivo de apresentar, de forma orgânica e cronologicamente ordenada, autores e obras, temas e problemas da literatura italiana para crianças e jovens, cuja evolução e desenvolvimentos registrados desde a Unificação até os anos noventa do século XX foram reconstruídos em uma perspectiva histórica<sup>8</sup>.

Nesse volume, os autores, querendo ilustrar, durante a apresentação, as características específicas da obra, ou seja, as peculiaridades e as coordenadas fundamentais de suas pesquisas, ressaltaram precisamente o papel fundamental desempenhado pela variedade das publicações examinadas na construção do imaginário individual e coletivo *da e sobre* a infância e a juventude e nas práticas educativas destinadas aos menores.

A novidade estrutural e, portanto, qualitativa, oferecida pelo texto de Boero e De Luca residia substancialmente no uso de uma perspectiva multidisciplinar (histórica, pedagógica, linguístico-literária etc.), por meio da qual, partindo de uma instância primária de contextualização, teve como objetivo reconstruir os eventos e desenvolvimentos da literatura para crianças e jovens no âmbito mais amplo da história sociocultural e da história da educação.

A atenção dada aos autores e destinatários das obras (atenção que, pela primeira vez na tradição dos manuais nesse setor, reservou amplo espaço, além da ficção, também aos manuais escolares constituídos de livros de leitura) revelou a intenção de reconstruir a evolução da literatura para crianças e jovens não apenas como um evento linguístico-literário, mas também como um fenômeno histórico-educacional, intimamente relacionado com os processos mais gerais de alfabetização e aculturação em massa e com a dinâmica, característica dos séculos XIX e XX italiano e europeu, de construção de um imaginário coletivo.

Em alguns aspectos, portanto, o trabalho de Boero e De Luca acabou representando um divisor de águas em relação à fase anterior e, ao mesmo tempo, a expressão mais orgânica e historiograficamente percebida de uma nova forma de olhar para a literatura infantil e sua história.

Mas uma obra como *La letteratura per l'infanzia* não representava naturalmente um fato acidental ou episódico, quase do nada: pelo contrário, constituía, de certa forma, a epifania de um processo com características e escopo mais gerais, produzido precisamente a partir dos anos 1980 e destinado a caracterizar todos os trinta anos seguintes.

<sup>8</sup> P. Boero, C. De Luca, *La letteratura per l'infanzia*, Roma-Bari, Laterza, 1995.



Nesse período de tempo, de fato, os dois pressupostos fundamentais em torno dos quais girava a pesquisa tradicional nesse campo desapareceram inexoravelmente (ou, se preferirem, foram fortemente redimensionadas).

O primeiro deles estabelecia que a literatura para a para crianças e jovens, como um universo de fenômenos linguístico-literários, poderia e deveria ser lida e interpretada única e exclusivamente com as mesmas ferramentas e metodologias de investigação aplicadas a qualquer outro gênero literário.

O segundo, dedutivamente ligado ao anterior, mas ainda mais enraizado no sentimento comum, e, portanto, ainda mais difícil de ser desvendado, passou a classificar a história da literatura para crianças e jovens quase que exclusivamente como uma espécie de segmento indispensável e valioso da formação e da bagagem cultural daqueles que se preparavam para desempenhar papéis e funções de natureza educacional ou de animação da infância e juventude.

Em essência, como nos antigos e gloriosos Institutos Magistrais para a preparação de professores primários, criados em 1923 pela reforma escolar do Ministro Giovanni Gentile<sup>9</sup>, não era apenas oportuno, mas quase indispensável que os futuros professores, formadores e animadores/líderes juvenis conhecessem a fundo as belas histórias de Pinóquio<sup>10</sup>, de Enrico Bottini (o protagonista e narrador de *Cuore*, de De Amicis<sup>11</sup>), de Vamba<sup>12</sup>, bem como as rimas infantis e os “contos de fadas ao telefone”, de Rodari<sup>13</sup>, e, ao mesmo tempo, as galerias de personagens e eventos (com os significados morais, modelos educacionais e instâncias de valor associados) que a literatura infantil dos últimos dois séculos havia legado. E isso para aproveitar essa rica herança para aperfeiçoar suas respectivas habilidades profissionais e abordagens dos problemas atuais.

Contra essa última interpretação, que de fato confinava a história da literatura infantil à categoria das disciplinas auxiliares para formação profissional, um estudioso do calibre de Antonio Faeti, cuja tentativa de restaurar a dignidade cultural e a consistência epistemológica desse campo de estudo, encontrou expressão, naqueles anos, em dois textos particularmente incisivos, como *Guardare le figure* (1972) e *Letteratura per l'infanzia* (1977)<sup>14</sup>.

Aqui, porém, deve-se ressaltar que um mérito não insignificante da pesquisa conduzida por Faeti foi o de trabalhar não apenas para uma recuperação cultural da literatura para a infância em si, mas também – e, em minha opinião, acima de tudo – para uma valorização

9 Cfr. R.S. Di Pol, *Cultura pedagogica e professionalità nella formazione del maestro italiano. Da Risorgimento ai giorni nostri*, Torino, Sintagma, 1998.

10 C. Collodi, *Le avventure di Pinocchio*, Firenze, Felice Paggi, 1883.

11 E. De Amicis, *Cuore. Libro per i ragazzi*, Milano, Fratelli Treves, 1886.

12 Vamba [L. Bertelli], *Il Giornalino di Gian Burrasca. Rivisto, corretto e completato da Vamba*, Firenze, Bemporad, 1912.

13 G. Rodari, *Filastrocche in cielo e in terra*, Torino, Einaudi, 1960; Id., *Favole al telefono*, Torino, Einaudi, 1962.

14 A. Faeti, *Guardare le figure*, Torino, Einaudi, 1972; Id., *Letteratura per l'infanzia*, Firenze, La Nuova Italia, 1977.



efetiva de sua história, que ele considerou como um capítulo fundamental na história mais geral da cultura e dos costumes sociais e civis dos italianos.

Estava implícito, na abordagem de Faeti, que a análise de um produto complexo, como a produção literária para crianças e jovens, obrigava o estudioso a investigar não apenas a biografia e a personalidade do autor, mas também os modelos que inspiraram o ilustrador, o designer gráfico, e mesmo o editor da obra; e que esta última deve ser explicada não apenas do ponto de vista estético-literário, mas também (de diferentes formas a cada vez) como espelho e expressão de um contexto ético-civil e cultural, ou que o estudioso deve destacar as características da transmissão de determinados valores e o impacto na mentalidade e no imaginário coletivo.

Deve-se ressaltar também que adicionais e incisivos estímulos à reconsideração da história da literatura infantil como “fonte” para a história dos processos culturais e formativos vieram, nas últimas décadas, precisamente daqueles historiadores da cultura e da educação que, tendo deixado de lado o velho preconceito gentiliano da perfeita coincidência entre a história da pedagogia e a história da filosofia e tendo abandonado a abordagem e as metodologias mais teóricas do que historiográficas, e que se tornaram visitantes assíduos de arquivos e fontes impressas, foram gradualmente descobrindo a importância e o valor, menos setorial e secundário, de fontes como as literárias referentes ao mundo da infância e juventude.

Gostaria, aqui, de recordar, ainda que para breves notas, as estimulantes pesquisas publicadas nos últimos anos por estudiosos como Juri Meda<sup>15</sup>, Davide Montino<sup>16</sup> e Antonio Gibelli<sup>17</sup>.

Mais recentemente, um impulso adicional para o aprofundamento dessa linha de estudos, agora caracterizada por uma perspectiva completamente internacional, veio do grande grupo de pesquisadores ligados à revista «*History of Education & Children's Literature*»/«*História da Educação & Literatura Infantil*», na qual, ao lado dos trabalhos de especialistas estabelecidos – do já citado Pino Boero a Renata Lollo, de Mariella Colin a Anna Ascenzi e Lorenzo Cantatore – encontraram espaço também as primeiras e promissoras contribuições de Alberto Carli, Silvia Assirelli, Ilaria Mattioni, Susanna Barsotti e Chiara Lepri.

15 J. Meda, *È arrivata la bufera. L'infanzia italiana e l'esperienza della guerra totale (1940-1950)*, Macerata, EUM, 2007; Id., *Stelle e strips. La stampa a fumetti italiana tra americanismo e antiamericanismo (1935-1955)*, Macerata, EUM, 2007; Id., *La stampa periodica socialista e comunista per l'infanzia tra età giolittiana e fascismo (1902-1930)*, Firenze, Nerbini, 2013.

16 D. Montino, *Libri e giovani lettori tra XIX e XX secolo: un percorso di tipo qualitativo*, «History of Education & Children's Literature», II (2007), 1, pp. 299-322; Id., *Le tre Italie di Giuseppe Fanciulli. Educazione e letteratura infantile nel primo Novecento*, Torino, SEI, 2009; Id., *Giuseppe Fanciulli negli anni de «Il Giornalino della Domenica». Infanzia, giornalismo e politica*, in «History of Education & Children's Literature», VI (2011), 1, pp. 305-317; e Id., *Società, infanzia e narrazioni realistiche nella letteratura giovanile dell'Italia del secondo dopoguerra (1946-1962)*, in «History of Education & Children's Literature», VII (2012), 2, pp. 216-230.

17 A. Gibelli, *Il regime illustrato e il popolo bambino*, in V. De Grazia, S. Luzzatto (a cura di), *Dizionario del Fascismo. Volume primo: A-K*, Torino, Einaudi, 2002, pp. 263-270; e soprattutto Id., *Il popolo bambino. Infanzia e nazione dalla Grande Guerra a Salò*, Torino, Einaudi, 2005.



Nas últimas décadas, trabalhos importantes têm sido dedicados ao aprofundamento do que, embora com as necessárias distinções, pode ser considerando um campo específico da literatura para para crianças e jovens, ou seja, manuais escolares e livros didáticos.

Estou pensando, por exemplo, no ensaio *Da plebe a popolo. L'educazione popolare nei libri di scuola dall'Unità alla Repubblica*, de Marcella Bacigalupi e Piero Fossati<sup>18</sup>, no ensaio de Silvio Lanaro sobre *Il Plutarco italiano: l'istruzione del popolo dopo l'Unità*, publicado em 1981, e a contribuição mais ampla sobre o assunto oferecido por Silvio Lanaro no livro *Nazione e lavoro. Saggio sulla cultura borghese in Italia*<sup>19</sup>; finalmente, nas pesquisas sobre publicação escolar e educacional e sobre livros escolares realizadas por Marino Raicich<sup>20</sup>, Ilaria Porciani<sup>21</sup>, Carmen Betti<sup>22</sup> e, mais recentemente, e com resultados de alto perfil, pelo grupo de pesquisa coordenado por Giorgio Chiosso e Roberto Sani<sup>23</sup>.

Por parte desses estudiosos (aos quais se poderia acrescentar um historiador literário como Alberto Asor Rosa, autor da *Storia d'Italia* – Einaudi — uma reconstrução dos debates culturais desde a Unificação até o período pós-Segunda Guerra Mundial, rico em ideias e estímulos para o nosso discurso<sup>24</sup>), a literatura infantil foi e é considerada e utilizada como

18 M. Bacigalupi, P. Fossati, *Da plebe a popolo. L'educazione popolare nei libri di scuola dall'Unità d'Italia alla Repubblica*, Firenze, La Nuova Italia, 1986.

19 S. Lanaro, *Il Plutarco italiano: l'istruzione del «popolo» dopo l'Unità*, in C. Vivanti (a cura di), *Storia d'Italia. Annali 4: Intellettuali e potere*, Torino, Einaudi, 1981, pp. 553-587; Id., *Nazione e lavoro. Saggio sulla cultura borghese in Italia (1870-1925)*, Venezia, Marsilio, 1979.

20 M. Raicich, *Di grammatica in retorica. Lingua, scuola, editoria nella terza Italia*, Roma, Archivio Guido Izzi, 1996.

21 I. Porciani, *L'industria dello scolastico*, in Ead. (a cura di), *Editori a Firenze nel secondo Ottocento*, Firenze, Olschki, 1983, pp. 473-491. Ead., *Manuali per la scuola e industria dello scolastico dopo il 1860*, in G. Tortorelli (a cura di), *L'editoria italiana tra Otto e Novecento*, Bologna, Edizioni Analisi, 1986, pp. 59-65.

22 C. Betti (a cura di), *Percorsi del libro per la scuola fra Otto e Novecento. La tradizione toscana e le nuove realtà del primo Novecento in Italia*, Firenze, Pagnini Editore, 2004.

23 Veja-se: G. Chiosso, *Editoria e stampa scolastica tra Otto e Novecento*, in L. Pazzaglia (a cura di), *Cattolici, educazione e trasformazioni socio-culturali in Italia tra Otto e Novecento*, Brescia, La Scuola, 1999, pp. 499-527; Id. (a cura di), *Il libro per la scuola tra Sette e Ottocento*, Brescia, La Scuola, 2000; Id. (dir.), *TESEO. Tipografi e editori scolastico-educativi dell'Ottocento*, Milano, Editrice Bibliografica, 2003; Id., *L'editoria scolastica prima e dopo la riforma Gentile*, «Contemporanea», 7 (2004), 3, pp. 411-434; Id., *Il rinnovamento del libro scolastico nelle esperienze di Giuseppe Lombardo Radice e dei «lombardiani»*, «History of Education & Children's Literature», I (2006), 1, pp. 127-139; Id. (dir.), *TESEO '900. Editori scolastico-educativi del primo Novecento*, Milano, Editrice Bibliografica, 2008; A. Ascenzi, R. Sani (a cura di), *Il libro per la scuola tra idealismo e fascismo. L'opera della Commissione centrale per l'esame dei libri di testo da Giuseppe Lombardo Radice ad Alessandro Melchiori (1923-1928)*, Milano, Vita e Pensiero, 2005; A. Barausse, *L'editoria scolastico-educativa nell'Italia Meridionale del primo Novecento: il caso del Molise (1900-1943)*, in *Tipografia e editoria in Abruzzo e Molise. Il XX secolo*, Soveria Mannelli, Rubbettino, 2007, pp. 211-261; F. Targhetta, *La capitale dell'impero di carta. Editori per la scuola a Torino nella prima metà del Novecento*, Torino, SEI, 2007; Id., *Serenant e illuminant. I cento anni della SEI*, Torino, SEI, 2008; A. Barausse (a cura di), *Il libro per la scuola dall'Unità al fascismo. La normativa sui libri di testo dalla legge Casati alla riforma Gentile (1861-1922)*, Macerata, Alfabetica Edizioni, 2008, 2 voll.; M. D'Alessio, *Scuola e lingua nel Molise di fine Ottocento*, Napoli, Edizioni Scientifiche Italiane, 2005; A. Ascenzi, R. Sani (a cura di), *Il libro per la scuola nel ventennio fascista. La normativa sui libri di testo dalla riforma Gentile alla fine della seconda guerra mondiale (1923-1945)*, Macerata, Alfabetica Edizioni, 2009; A. Barausse, *Dal Regno di Sardegna al Regno d'Italia. Continuità e discontinuità nelle politiche del libro scolastico*, «History of Education & Children's Literature», V (2010), 1, pp. 377-415; V (2010), 2, pp. 301-338; A. Ascenzi, «Per impedire l'intrusione nell'istruzione nazionale del seme di mala scienza e di mali costumi». La relazione di Luigi Gabriele Pessina sull'esame dei libri di testo (1881), «History of Education & Children's Literature», V (2010), 2, pp. 339-381; M.C. Morandini, *I manuali per l'educazione dei sordomuti: i testi di lingua e di istruzione religiosa*, in P. Bianchini (a cura di), *Le origini delle materie. Discipline, programmi e manuali scolastici in Italia*, Torino, SEI, 2010, pp. 139-165; D. Montino, *La storia nei libri scolastici elementari del dopoguerra*, ivi, pp. 217-246; R. Sani, *Sub specie educationis. Studi e ricerche su istruzione, istituzioni scolastiche e processi culturali e formativi nell'Italia contemporanea*, Macerata, EUM, 2011.

24 A. Asor Rosa, *Dall'Unità a oggi: la cultura*, in R. Romano, C. Vivanti (a cura di), *Storia d'Italia*, Torino, Einaudi, 1975, IV/2, pp. 822-1311.



fonte de primordial importância para ressaltar, por um lado, as modalidades de construção, na Itália dos séculos XIX e XX, do imaginário coletivo em torno da infância, da família, das práticas educacionais, da relação adulto-menor; por outro lado, para compreender de forma mais articulado e concreto o modo como a hegemonia ideológica e cultural burguesa se estabeleceu em nosso país desde o século XIX.

Em relação a este último aspecto, a literatura para crianças e jovens foi investigada como veículo para sistemas de valores, modelos de comportamento, concepções hierárquicas de relações interpessoais; e em sua função como instrumento para disciplinar consciências e construir a identidade social e civil e o sentimento nacional nas novas gerações.

A recente contribuição da historiografia educacional e social para o campo dos estudos da literatura para a infância teve, enfim, o grande mérito de apresentar aos amantes dessa disciplina novas linhas de investigação e trilhas de pesquisa originais que, aqui, limito-me apenas a recordar brevemente.

Estou pensando, por exemplo, na necessidade, indicada por vários estudiosos, de ir além da análise textual e do aprofundamento do *dispositivo narrativo* dos textos para a infância e a juventude, ampliando a investigação para aspectos que até agora foram pouco aprofundados:

a. a circulação e a utilização de livros para crianças e jovens, a investigar por meio da análise de tiragens, reedições e reimpressões, sua presença em bibliotecas públicas e privadas e em bibliotecas escolares ou no circuito de bibliotecas paroquiais e associações juvenis de inspiração católica ou laico-socialista;

b. a análise das séries especializadas e, de forma mais geral, dos projetos culturais e editoriais subjacentes às mais significativas coleções de textos para crianças e jovens, a serem investigados com base na documentação disponibilizada pelos arquivos das editoras, com referência aos gêneros, autores, ilustradores e às características do produto editorial (edição barata ou de luxo, presença ou ausência de ilustrações, custos e tiragens etc.);

c. livros didáticos e manuais escolares, com especial referência a livros de leitura, cartilhas e subsidiários para escolas primárias e secundárias: uma área já merecidamente explorada nos últimos anos, mas que ainda tem grandes lacunas que precisam ser preenchidas.

São linhas de pesquisa em muitos casos já parcialmente exploradas, ou apenas iniciadas, que, na minha opinião, podem contribuir para expandir e enriquecer o conhecimento sobre a história da literatura para crianças e jovens e dar a essa disciplina uma real centralidade no âmbito dos estudos sobre a evolução cultural e os processos formativos na Itália, nos últimos dois séculos.





## 2. Um caso exemplar de déficit historiográfico: a interpretação da obra de Luigi Bertelli/Vamba entre bondade moralista e preconceitos ideológicos (e pedagógicos)

Mas, para compreender plenamente o significado mais profundo que o uso da literatura infantil como “fonte” para a história dos processos culturais e educacionais tem representado nos últimos quinze anos, também com o propósito de valorizar a disciplina em si e sua contribuição para uma compreensão mais profunda dos grandes processos de transformação cultural do nosso país, permitam-me enfocar, ainda que rapidamente e a título de exemplo, a recente releitura crítica da biografia e da obra literária e educativa de Luigi Bertelli/Vamba<sup>25</sup>.

Para entender a novidade dessa releitura, bastaria apenas mencionar as abordagens e as avaliações formuladas em muitas das “histórias da literatura infantil” publicadas desde os anos 1930, muitas vezes reproduzidas, às vezes de forma acrítica, mesmo em textos recentes.

Em alguns casos, são abordagens e avaliações às vezes simplistas e embaraçosas, e, em outros casos, são marcadas por um pedagogismo pior, uma série de clichês que oscilam entre o moralismo um pouco sem sangue e ideologismo da moda.

Assim, em um manual como o de Giuseppe Fanciulli e Enrichetta Monaci Guidotti, publicado em 1928, não muito depois da morte do escritor, ao lado de muitos atestados de estima e afeto, na verdade pouco úteis para delinear a complexidade do personagem Bertelli/Vamba e sua contribuição, encontram-se algumas afirmações que dão uma ideia da abordagem, mesmo antes da profundidade real da interpretação:

Alguns – escreveram Fanciulli e Monaci Guidotti – opuseram críticas generalizadas ao método educacional do escritor [de Vamba]. Foi dito, especialmente com base nos personagens do *Giornalino della Domenica*, e no *Gianburrasca*, que esse método causava indisciplina, diminuía o respeito pelos mais velhos, favorecia a vaidade, o orgulho nacional e uma centena de outros problemas. A resposta a essas críticas está implícita no que já dissemos. Cada método tem suas próprias falhas, e entre os homens é difícil promover o bem sem que haja alguma mistura de *menos bem* ou mesmo mal. (FANCIULLI, GUIDOTTI, 1928, p. 282)

25 Cfr. A. Ascenzi, *Lettere a Vamba. «Il Giornalino della Domenica» nei rapporti epistolari tra Luigi Bertelli e i suoi collaboratori*, in «History of Education & Children's Literature», I (2006), 1, pp. 317-362; Ead., «Per educare la gioventù della nuova Italia». Luigi Bertelli giornalista e scrittore per l'infanzia tra eredità risorgimentale e costruzione di una nuova coscienza etico-civile (1860-1920), in A. Ascenzi, M. Di Felice, R. Tumino (a cura di), «Santa Giovinezza!». Lettere di Luigi Bertelli e dei suoi corrispondenti (1883-1920), Macerata, Alfabetica Edizioni, 2008, pp. 13-43; S. Assirelli, *La rappresentazione dell'infanzia nelle copertine de «Il Giornalino della Domenica» (1906-1911). Un itinerario iconografico*, cit., pp. 145-177; D. Montino, *Giuseppe Fanciulli negli anni de «Il Giornalino della Domenica». Infanzia, giornalismo e politica*, cit., pp. 305-317. E o recentíssimo trabalho de uma jovem e brilhante estudiosa de macerata que, sob a orientação deste que escreve, está desenvolvendo uma tese de doutorado sobre o papel de Vamba e do «*Il Giornalino della Domenica*» na promoção de uma forte consciência nacional entre os jovens da Itália de Giolitti: S. Montecchiani, *The political thought of Vamba in the context of early 20th-century Italy: civic-ethical commitment and the project of educating new generations in citizenship*, in «History of Education & Children's Literature», XVI (2021), 1, pp. 395-414.



No entanto, os dois autores observaram que este talvez não fosse o problema mais grave:

Pelo contrário, outra crítica que tem sido repetida com frequência, como se para destacar uma deficiência em uma ideia e trabalho tão nobre, tem o seu devido peso. Aludimos à ausência de uma fé religiosa clara. [...] Ora, Vamba certamente nunca foi um materialista; em várias ocasiões, na verdade, ele usou sua forte sátira contra o orgulhoso absurdo do materialismo. Ele nem mesmo era ateu, como um sincero mazziniano. Muitas de suas palavras, aqui e ali, testemunham sua fé em Deus. [...] Mas essa religiosidade era vaga, imprecisa e o *livre pensamento* [...] permitiu a Vamba um pouco desse anticlericalismo que hoje parece tão anacrônico e maneirista. (FANCIULLI, GUIDOTTI, 1928, p. 284 )

Pode-se objetar: o que se poderia esperar de uma análise realizada em 1928, no auge do regime fascista, embora ela estivesse destinada a ser reproduzida – e não apenas pelos autores citados – nas décadas seguintes?<sup>26</sup>

Na realidade, a mesma ausência geral de senso histórico e contextualização do personagem e sua obra estava destinada a dar o melhor de si nos anos após a Segunda Guerra Mundial.

Assim, em 1960, um estudioso de outra forma tão atento e sensível como Mario Valeri, não deixou de apontar como o grande infortúnio de Vamba foi viver em tempos política e culturalmente obscuros e ter, apesar de si mesmo, encarnado seus valores: o fato é que o empreendimento apaixonado e fascinante de seu *Giornalino della Domenica* apareceu para o estudioso inexoravelmente marcado por “cenário genérico e incerto de seus critérios educacionais”:

Certamente a iniciativa poderia ter tido maior seguimento e ressonância, tudo em benefício da qualidade dos nossos livros infantis, se os eventos políticos nacionais e internacionais não tivessem, então, desviado e poluído as intenções originais e, portanto, sobrecarregado todo esse plano educativo (VALERI, 1962, p. 55-59)<sup>27</sup>.

E poderíamos continuar, com referências e citações retiradas do grande mar de manuais, resumos e sínteses da história da literatura infantil que abrangeram as duas primeiras ou três primeiras décadas da Itália republicana.

O problema, no entanto, não é o moralismo ou o ideologismo de certos julgamentos ou, inversamente, a exaltação hagiográfica e adocicada de Vamba, como escritor para a infância, rastreáveis em outros<sup>28</sup>.

26 Apenas a título de exemplo, veja-se: A. Michieli, *Breve storia della letteratura per l'infanzia e la fanciullezza*, Padova, CEDAM, 1938, pp. 53-55, reeditado várias vezes após a Segunda Guerra Mundial.

27 Deve-se assinalar que as páginas dedicadas ao Vamba e *Il Giornalino della Domenica* pela historiadora da educação Dina Bertoni Jovine nos anais da mesma conferência promovida pela Società Umanitaria foram de um escopo cultural e profundidade crítica muito diferentes. Cfr. D. Bertoni Jovine, *I periodici per giovani e ragazzi dopo l'Unità d'Italia 1861-1941*, ivi, pp. 261-263.

28 Veja-se, por exemplo, V. Battistelli, *La letteratura infantile moderna. Guida bibliografica*, Firenze, Vallecchi, 1923, pp. 165-166; O. Giacobbe, *La letteratura infantile*, Torino, Paravia, 1936, pp. 178-179; M. Tibaldi Chiesa, *Letteratura infantile*, Milano, Garzanti, 1945, pp. 105-115; 1947; G. Bitelli, *Piccola guida alla conoscenza della letteratura infantile*, Torino, Paravia, 1947, pp. 5 e 24-25; M. Mastropaolo, *Panorama della letteratura infantile*, Firenze, Marzocco, 1947, pp. 16-17; V. Verusio, *Lineamenti di letteratura per l'infanzia*, Napoli, Istituto Editoriale del Mezzogiorno, 1955, pp. 65-71; A. Lugli, *Storia della letteratura per l'infanzia*, Firenze, Sansoni, 1960, pp. 260-267; V. Galante Garrone, *Incontri con autori ed opere di letteratura per l'infanzia*, Torino, Loescher, 1968, pp. 118-120 e 197-199.



A verdadeira questão é se a contribuição de Vamba (e de outros autores de obras literárias para crianças e jovens) pode ser inserida no contexto mais amplo dos processos de desenvolvimento cultural e civil da Itália contemporânea.

Em outras palavras, tirá-lo e aos colegas que o precederam e o seguiram do limbo de uma história duplamente marginal: porque não é muito relevante do ponto de vista dos cânones literários e pouco significativo do ponto de vista da reflexão pedagógica; uma história, portanto, duas vezes menor em sua autorreferencialidade e sentido limitado.

De fato, a recente revisão historiográfica de Luigi Bertelli/Vamba e seu *Il Giornalino della Domenica*, sobretudo pelo trabalho de Anna Ascenzi, contribuiu não só para restaurar a personalidade de um intelectual e educador capaz de influenciar como poucos outros a vida cultural e civil italiana dos primeiros vinte anos do século XX e, ao mesmo tempo, para proporcionar uma contribuição profundamente inovadora para a determinação de uma nova ideia de jovens e sua educação, incluindo a educação ético-civil e política.

Mas também – indiretamente – para repropor a real centralidade, para os historiadores da Itália contemporânea, de uma fonte como a narrativa de ficção e os periódicos para crianças, com o fim mesmo de uma interpretação abrangente dos processos culturais e políticos daquele mesmo período<sup>29</sup>.

E, para confirmar isso, basta aqui me referir à considerável atenção que os recentes estudos produzidos no campo histórico-educativo sobre Luigi Bertelli/Vamba e seu *Il Giornalino della Domenica* suscitaram entre os historiadores da cultura italiana contemporânea: penso, em primeiro lugar, em um estudioso refinado e multifacetado como Mario Isnenghi<sup>30</sup>.

### **3. Um ressurgimento do ‘preconceito crociano’ na atual historiografia da literatura infantil?**

A historiografia recente sobre a literatura infantil também contribuiu para compreender certos aspectos da evolução da disciplina que merecem ser aprofundados.

Pesquisas e estudos realizados ao longo dos últimos quinze anos sobre a vertente dos manuais escolares e dos livros didáticos trouxeram repetidamente à tona a estreita conexão que existe, pelo menos na fase inicial – os anos 1830 e 1840 – e durante os desenvolvimentos do século XIX e início do século XX, entre essas publicações especificamente

29 Esse aspecto é muito eficazmente sublinhado por Pino Boero - e isto não é surpreendente, dada a refinada sensibilidade cultural deste estudioso - em uma nota introduzida na nova edição revisada e ampliada do já mencionado P. Boero, C. De Luca, *La letteratura per l'infanzia*, Roma-Bari, Laterza, 2009, pp. 400-401.

30 Cfr. M. Isnenghi, *Storia d'Italia. I fatti e le percezioni dal Risorgimento alla società dello spettacolo*, Roma-Bari, Laterza, 2011, pp. 170-171 e 244-245. Veja-se também: M. Ridolfi, *Risorgimento*, in M. Isnenghi (a cura di), *I luoghi della memoria. Simboli e miti dell'Italia unita*, Roma-Bari, Laterza, 2010<sup>2</sup>, pp. 26-28.



destinada à sala de aula e aquela que, com um significado um tanto genérico e abrangente, costumamos definir como a *literatura infantil ou juvenil*<sup>31</sup>.

Essa conexão se confirma, por exemplo, no fato de que as publicações modernas voltadas principalmente para crianças e jovens, e destinadas em pouco tempo a assumir características e dimensões do consumo em massa, desenvolveram-se simultânea e paralelamente à produção e à circulação de manuais escolares e livros didáticos.

Deve-se ressaltar que ambos os gêneros literários se beneficiam de uma série de fenômenos ligados aos processos de desenvolvimento econômico e social característicos da Itália e da Europa na primeira metade do século XIX: o aumento gradual dos níveis de alfabetização e escolarização de crianças, o estabelecimento dos sistemas de ensino público modernos e de uma rede orgânica de instituições escolares destinadas a se estenderem para fora dos grandes centros urbanos e para envolver gradualmente as áreas rurais e periféricas dos diversos países europeus<sup>32</sup>.

Pode-se acrescentar que, pelo menos no início, e depois ao longo do século XIX, tanto ao nível de pequenas tipografias e gráficas locais, quanto ao nível de empreendimentos de dimensões nacionais, a publicação escolar tem natureza anfíbia, no sentido de que a maioria das gráficas e editoras especializadas no gênero escolar também são as que publicam obras narrativas destinadas principalmente a crianças e jovens, e vice-versa.

Na grande maioria dos casos, de fato, os dois tipos de produção editorial estão lado a lado e, em várias ocasiões, se sobrepõem e se fundem<sup>33</sup>.

Se for verdade, em certa medida, que a vertente da literatura infantil e juvenil apresenta uma tipologia diferenciada (coleções de contos de fadas, literatura de entretenimento, novelas, romances, histórias premiadas etc.) em comparação com a literatura escolar (livros de leitura, gramáticas, manuais disciplinares, antologias literárias, livros de exercícios etc.), é igualmente verdade que, pelo menos originalmente, e depois durante a maior parte do século XIX, é possível registrar uma *circularidade* significativa das obras de um e do outro gênero entre escola e extraescola, com múltiplos exemplos de textos que, nascidos no campo literário (talvez como livros premiados), conheceram então um considerável sucesso no circuito escolar; e, inversamente, de obras que, originalmente concebidas para a sala de aula, na realidade se tornaram verdadeiros sucessos editoriais além de sua destinação original.

31 Neste parágrafo, retomam-se alguns dos argumentos já desenvolvidos em A. Ascenzi, *The history of school manuals and textbooks in Italy. An evaluation an new research prospectives*, «History of Education & Children's Literature», VI (2011), 2, pp. 405-423 (in particolare alle pp. 418-423).

32 Veja-se p trabalho de P. Boero, C. De Luca, *La letteratura per l'infanzia*, cit., pp. 12-23. Apontamentos úteis também em A. Ascenzi, *La storia della letteratura per l'infanzia oggi. Prospettive metodologiche e itinerari di ricerca*, cit., pp. 109-119.

33 Cfr. R. Sani, *L'educazione dell'Infanzia nella storia. Interpretazioni e prospettive di ricerca*, cit., pp. 21-56.



Entre os numerosos exemplos que poderiam ser dados a esse respeito, limito-me aqui a apontar os famosos *Novelle morali*, do Padre Francesco Soave; os inúmeros e muito populares contos de Cesare Cantù; o longevo e famosíssimo *Giannetto*, do Abade Luigi Alessandro Parravicini; o igualmente famoso *Coração*, de Edmondo De Amicis; e novamente: alguns textos atribuíveis à chamada vertente *autoajuda* e, em referência às duas primeiras décadas do século XX, as obras de *Vamba* (Luigi Bertelli)<sup>34</sup>.

A *circularidade* e a *interdependência* acima mencionadas também se aplicam a autores e séries editoriais específicas. No contexto italiano, por exemplo, está longe de ser raro o caso de escritores para a infância e a juventude que tentem, de forma não episódica ou aleatória, escrever livros de leitura e manuais escolares: de Giulio Tarra a Ida Baccini, de Anna Vertua Gentile a Emma Perodi, Luigi Capuana e Felicita Morandi, até o já mencionado Luigi Bertelli (*Vamba*), para citar apenas os exemplos mais significativos<sup>35</sup>.

Da mesma forma, está longe de ser incomum, especialmente durante os séculos XIX e início do XX, encontrar séries de livros para a infância e a juventude/crianças e jovens que, além de leituras divertidas ou edificantes, incluem livros destinados à escola e à educação<sup>36</sup>.

Precisamente as primeiras décadas do século XX, no entanto, registram o surgimento de uma ruptura da *circularidade* e da *interdependência* acima mencionadas, em virtude de uma progressiva *divaricazione* de gêneros que, já no período entre as duas guerras mundiais, parecia ser um fato consumado.

Seria muito interessante aprofundar as razões para tal evolução, em que se refletem tanto as mudanças relacionadas às publicações especializadas quanto uma diferente autocompreensão e autorrepresentação dessas duas vertentes literárias destinadas àqueles que, precisamente nessa fase, começam a ser definidas, de forma específica e diferenciada, como as gerações em seus anos de desenvolvimento ou em formação<sup>37</sup>.

34 Cfr. F. Soave, *Novelle morali ad uso de' fanciulli*, Venezia, Graziosi, 1787; C. Cantù, *Il buon fanciullo. Racconti d'un maestro*, Napoli, Testa, 1846; Id., *Il giovinetto drizzato alla bontà, al sapere, all'industria*, Milano, Bettoni, 1872; L.A. Parravicini, *Giannetto*, Milano, Turati, 1859, 4 voll.; E. De Amicis, *Cuore*, Milano, Treves, 1886. Relativamente al filone *self-helpista* si rinvia a S. Lanaro, *Il Plutarco italiano: l'istruzione del «popolo» dopo l'Unità*, in *Storia d'Italia. Annali 1*, Torino, Einaudi, 1981, pp. 553-587. Per quel che riguarda i testi scolastici di *Vamba* si veda: L. Bertelli, *I bimbi d'Italia si chiaman Balilla. I ragazzi italiani nel Risorgimento nazionale*, Firenze, Bemporad, 1915; L. Bertelli, G. Fanciulli, *Il Giardino. Letture per le scuole elementari*, Firenze, Bemporad, 1914-15, 4 voll.; L. Bertelli, *Come l'Italia diventò nostra: Roma - Il Medio Evo - Il bel Paese - Risorgimento, Libri di storia per la 3ª, 4ª, 5ª, 6ª elementare*, Firenze, Bemporad, 1917-1918, 4 voll.; Id., *O patria mia!*, Firenze, Bemporad, 1922-1924, 3 voll.; Id., *Italia! Italia!*, Firenze, Bemporad, 1927.

35 Sobre essas figuras de escritores para crianças e jovens e sua produção para escolas, ver as já mencionadas P. Boero, C. De Luca, *La letteratura per l'infanzia*, cit.

36 Como exemplo, vejamos as contribuições significativas de Roberto Sani sobre as editoras escolares do sul no século XIX: *L'editoria scolastico-educativa nell'Italia meridionale tra Otto e Novecento: il caso Sandron (1839-1925)*, e *L'editoria scolastica nell'Italia meridionale dell'Ottocento*, entrambi recentemente riediti in R. Sani, *Sub specie educationis. Studi e ricerche su istruzione, istituzioni scolastiche e processi culturali e formativi nell'Italia contemporanea*, Macerata, EUM, 2011, rispettivamente alle pp. 27-52 e 53-106.

37 Cfr. A. Ascenzi, *La letteratura per l'infanzia allo specchio. Aspetti del dibattito sullo statuto epistemologico di un sapere complesso*, in Ead. (a cura di), *La letteratura per l'infanzia oggi. Questioni epistemologiche, metodologie d'indagine e prospettive di ricerca*, cit., pp. 87-95.



Os poucos estudos que se concentraram, ainda que em um sentido geral, na parábola das duas vertentes literárias mencionadas acima, enfatizaram justamente o animado debate que se desenvolveu na Itália no início do século XX, na esteira das reflexões críticas de Benedetto Croce e outros estudiosos da literatura e da estética literária, sobre a natureza ambivalente da chamada literatura para crianças e jovens, suspensa entre arte e pedagogia, ou melhor, caracterizada pela tensão entre a necessidade literária e artística propriamente dita e o propósito intrinsecamente educativo de uma produção destinada a promover determinados valores, estilos de vida e modelos de comportamento em indivíduos em crescimento<sup>38</sup>.

O questionamento do status epistemológico da literatura infantil tem contribuído em grande medida para confirmar uma espécie de distanciamento entre essa vertente literária e a vertente muito mais sólida e epistemologicamente caracterizada dos manuais escolares e livros didáticos escolares, com as consequências que podem ser imaginadas.

Por exemplo, na tentativa de enfatizar sua dimensão literária e sua natureza artística irreduzível, mesmo onde tenham se preservado, no todo ou em parte, a intencionalidade e os objetivos de natureza pedagógica e educacional, as obras da literatura infantil (mas também as séries editoriais relacionadas) procuram se definir de acordo com uma perspectiva claramente distinta e irreduzível em relação aos livros para a escola.

Pode-se acrescentar que, no esforço para estabelecer um perímetro de identificação não semelhante ao dos manuais escolares e dos livros didáticos, tem gradualmente diminuído, na literatura para a infância, pelo menos na península, aquelas pluralidades e articulação interna de gêneros e vertentes que em outros lugares ainda podem ser encontrados e que, inversamente, não tiveram desenvolvimentos significativos na Itália.

Refiro-me, em particular, à caracterização quase exclusivamente *narrativa* (ou seja, centrada nos tipos *de novela, de conto, de romance*) da literatura para crianças e jovens, que tem sido acompanhada, inversamente, pelo abandono de outros gêneros e outros tipos, como obras de divulgação científica ou histórica ou técnica.

Giuseppe Lombardo Radice destacou isso de forma muito oportuna em um artigo intitulado *Che cosa non leggono i maestri*, publicado em 1925 na revista florentina *La nuova scuola italiana*, em que observou que, se na Itália queríamos iniciar crianças e jovens “a ler algum trabalho clássico de divulgação científica”, bem como a divulgação artística ou histórica ou referente a invenções tecnológicas etc. era necessário fazer referência a obras brilhantes e bem-sucedidas de autores estrangeiros do calibre de “Macé, Tissandier, Lioy,

<sup>38</sup> A esse respeito, veja-se B. Croce, *La letteratura della nuova Italia*, Laterza, Bari, 1913<sup>2</sup>, III, pp. 352-353. Para uma reconstrução detalhada do debate desencadeado pela posição de Croce, veja-se R. Lollo, *Sulla letteratura per l'infanzia*, cit., pp. 47-100.



Buffon, Carré, Fabre, Flammarion, Réclus”, apesar das lacunas muito graves que foram encontradas, nessa vertente, na produção não escolar da Itália<sup>39</sup>.

Não é por acaso que apenas nos últimos tempos foram adequadamente destacados a originalidade e o caráter extraordinariamente inovador (embora isolado e destinado a não ter retomadas significativas posteriormente) dos numerosos volumes de divulgação científica publicados entre os anos 1870 e 1890, por um escritor para a juventude e para a escola, como Pasquale Fornari, muito mais conhecido como um educador especial dos surdos-mudos<sup>40</sup>. Além de uma obra como *Ciondolino*, publicada em 1893, por Luigi Bertelli/*Vamba*, para a editora florentina Bemporad, outro exemplo extraordinário de divulgação científica no campo da literatura infantil e juvenil italiana inspirada nos clássicos de Jean-Henri Fabre, Maurice Maeterlinck e Ernest Candèze<sup>41</sup>.

A remoção, de fato, da *dimensão instrutiva* (por meio de pequenas obras de divulgação científica, tecnológica, histórica etc.) da vertente da literatura infantil contribuiu, sem dúvida, para isolar o campo dos manuais escolares e dos livros didáticos da cadeia mais geral de obras destinadas a gerações em idade de desenvolvimento e em formação, acentuando e legitimando com base em novas e mais incisivas motivações aquela separação entre escola e extraescola, para a qual o livro *escolar* acabou se configurando – no imaginário coletivo de seus usuários – como uma *leitura obrigatória*, séria, nocional e, às vezes, pedante.

Enquanto *obras de ficção para a infância e a juventude* acabaram delineando o espaço do tempo livre e do lazer ameno e agradável, por estarem associados à liberdade, ao desenvolvimento da autêntica fantasia e criatividade; eles acabaram, em suma, por serem identificados com o tempo de «desengajamento lúdico», como alternativa/contraste ao “tempo escolar”, cada vez mais considerado como “tempo produtivo” e de “trabalho infantil”.

Tudo isso, na minha opinião, influenciou – e às vezes caracterizou de modo relevante – a reflexão pedagógica sobre o papel da escola e da educação escolar, acentuando a divisão mais geral, nos processos formativos destinados aos indivíduos em idade de

39 G. Lombardo Radice, *Che cosa non leggono i maestri*, ora riedito in A. Ascenzi, R. Sani (a cura di), *Il libro per la scuola tra idealismo e fascismo. L'opera della Commissione centrale per l'esame dei libri di testo da Giuseppe Lombardo Radice ad Alessandro Melchiori (1923-1928)*, cit., pp. 725-740 (as citações repetidas no texto estão às pp. 728-729).

40 Da vasta produção desse gênero publicada por Fornari nas últimas duas décadas do século XIX, ver, por exemplo: P. Fornari, *I tre regni della natura: zoologia, botanica, mineralogia, spiegati ai fanciulli*, Milano, 1877; Id., *Il moderno Buffon pei fanciulli, o piccola storia naturale*, Milano, 1878; Id., *La piccola fisica sperimentale spiegata al popolo ed ai giovanetti*, Milano, 1880; Id., *La piccola chimica spiegata al popolo e ai giovanetti*, Milano, 1887; Id., *La storia naturale esposta in tavole cromolitografiche ai fanciulli*, Milano, 1892. Ainda não temos nenhuma pesquisa ou estudo específico sobre a biografia e os escritos desse autor significativo e, ao mesmo tempo, desconhecido para crianças. O papel que desempenhou na educação especial de surdos e mudos na virada dos séculos XIX e XX é muito mais bem pesquisado na historiografia educacional. Cfr. F. Montorzi, *Pasquale Fornari nel primo centenario della sua nascita*, in «Contributi pedagogico-didattici della R. Scuola di metodo Girolamo Cardano», serie seconda, X (1937), n. 12, pp. 9-15; e R. Sani (ed.), *L'educazione dei sordomuti nell'Italia dell'800. Istituzioni, metodi, proposte formative*, Torino, SEI, 2007, pp. 17-18, 28-30 e *passim*.

41 Sobre *Ciondolino*, di Luigi Bertelli, veja-se A. Ascenzi, «Per educare la gioventù della nuova Italia». Luigi Bertelli giornalista e scrittore per l'infanzia tra eredità risorgimentale e costruzione di una nuova coscienza etico-civile (1860-1920), cit., pp. 17-19.



desenvolvimento, entre atividades escolares e atividades extraescolares; uma divisão na qual a dimensão estritamente escolar acabou adquirindo uma conotação essencialmente negativa, na medida em que é caracterizada pelo formalismo, ausência de imaginação e criatividade, pouca consideração pelos ritmos e necessidades internas do educando etc.

E está longe de ser casual que, justamente nessa primeira fase do século XX, as *chamadas pedagogias ativistas* foram desenvolvidas e que as experiências mais incisivas de *escolas novas* amadureceram, metodologicamente centradas na superação da mencionada divisão/contraposição a e na proposta de recuperação – mesmo no ambiente escolar – das dimensões da liberdade, da criatividade e da valorização dos interesses do aluno<sup>42</sup>.

Na minha opinião, esse é um tema que precisa ser aprofundado por uma historiografia escolar e educativa que realmente se proponha a *repensar*, não apenas as características e incidência dos processos escolares e práticas de ensino, mas também a gênese e o destino de teorias pedagógicas e modelos educacionais para a infância que têm permeado a experiência escolar na era contemporânea.

Desse ponto de vista, ideias significativas para uma pesquisa ainda em grande parte a ser realizada advêm das recentes investigações realizadas sobre Luigi Bertelli/*Vamba*, célebre escritor para crianças e, ao mesmo tempo, autor de livros didáticos amplamente apreciados nas primeiras décadas do século XX, cuja crítica ao sistema escolar e educacional e à mesma concepção de infância do século XIX – felizmente exemplificada em um personagem como Giannino Stoppa, o inquieto e divertido protagonista do famoso *Il Giornalino de Gian Burrasca* – traduz-se em uma tentativa de superar a divisão/contraposição mencionada, por meio do desenvolvimento de um registro comunicativo e de um estilo educativo capaz de romper as barreiras impermeáveis entre a escola e a extraescola, o *tempo produtivo* (o da escola) e o *tempo lúdico* (o de lazer e aprendizado gratuito).

Uma tentativa que encontrou sua expressão mais completa, nas páginas do bem-sucedido periódico *Il Giornalino della Domenica* (1906-1920)<sup>43</sup>.

## Conclusões

É certamente oportuno, portanto, não deixar de lado esse tema e continuar, de fato, a focalizar a pesquisa sobre a relação entre o campo dos livros escolares, e a indústria escolar em geral, por um lado, e a vertente da literatura infantil e juvenil, por outro.

42 Veja-se G. Chiosso, *Novecento pedagogico. Profilo delle teorie educative contemporanee*, Brescia, La Scuola, 1997, pp. 53-117.

43 Veja-se, ainda A. Ascenzi, «Per educare la gioventù della nuova Italia». Luigi Bertelli giornalista e scrittore per l'infanzia tra eredità risorgimentale e costruzione di una nuova coscienza etico-civile (1860-1920), cit., pp. 13-43.





Até porque continuar a distinguir, de forma um tanto artificial, entre a produção ficcional no sentido estrito e a produção manualística-escolar e de divulgação para crianças, além de impedir que os historiadores do setor compreendam uma realidade que há muito tempo está fortemente entrelaçada e intimamente relacionada do ponto de vista dos conteúdos e modelos de valores, hoje nos parece um prenúncio de um efeito paradoxal, o de repropor no nível historiográfico o conhecido preconceito *crociano*, segundo o qual, como se sabe, a literatura infantil era necessariamente considerada como um gênero literário menor e completamente marginal, uma vez que não é literatura verdadeira, pois está muito relacionada com a “musa da boa natureza” da pedagogia por causa de seus objetivos educacionais.

É bem sabido a todos que tal preconceito pesou como uma pedra e impediu por muito tempo um estudo minucioso da literatura infantil.

A reproposição da vertente historiográfica, ainda que por compreensíveis razões de pureza epistemológica e delimitação do campo de investigação, de uma distinção totalmente teórica entre o que é abstratamente considerado literatura infantil e o que não pode ser considerado *stricto sensu* como tal (*livros didáticos*, na verdade), significa, paradoxalmente, trazer de volta pela janela o que, não sem esforço, tentou-se expulsar pela porta.

E temos que nos perguntar se as premissas estéticas (mas também ideológicas) na base dos *preconceitos crocianos* ainda não estão, talvez inconscientemente, também operando no campo da historiografia, onde, por exemplo, há um esforço para identificar e isolar, no grande mar de publicações destinadas principalmente à infância e à juventude, um traço, um fragmento de pura e não contaminada dimensão “autenticamente literária”, talvez desconsiderando a distinção fundamental entre a realidade histórica (tão complexa, multifacetada e contraditória) e o mutável significado dos cânones literários e modelos educacionais de cada época e, por essa mesma razão, a ser historicizados e não ser assumidos *aprioristicamente*, de uma vez por todas.

## Referência

Antoniazzi A. (a cura di), *Scrivere, leggere, raccontare... La letteratura per l'infanzia tra passato e futuro. Studi in onore di Pino Boero*, Milano, Franco Angeli, 2019

Ascenzi A. (a cura di), *La letteratura per l'infanzia oggi*, Milano, Vita e Pensiero, 2003.

Ascenzi A., Di Felice M., Tumino R. (a cura di), «Santa Giovinezza!». *Lettere di Luigi Bertelli e dei suoi corrispondenti (1883-1920)*, Macerata, Alfabetica Edizioni, 2008



Ascenzi A., Sani R. (a cura di), *Il libro per la scuola tra idealismo e fascismo. L'opera della Commissione centrale per l'esame dei libri di testo da Giuseppe Lombardo Radice ad Alessandro Melchiori (1923-1928)*, Milano, Vita e Pensiero, 2005.

Ascenzi A., Sani R. (a cura di), *Il libro per la scuola nel ventennio fascista. La normativa sui libri di testo dalla riforma Gentile alla fine della seconda guerra mondiale (1923-1945)*, Macerata, Alfabetica Edizioni, 2009.

Ascenzi A., Sani R., *Storia e antologia della letteratura per l'infanzia nell'Italia dell'Ottocento*, Milano, Franco Angeli, 2017-2018, 2 voll.

Assirelli S., *Paradigma Bemporad. Percorsi e linee evolutive dell'illustrazione del libro per l'infanzia in Italia tra Otto e Novecento*, Firenze, Nerbini, 2012.

Bacigalupi M., Fossati P., *Da plebe a popolo. L'educazione popolare nei libri di scuola dall'Unità d'Italia alla Repubblica*, Firenze, La Nuova Italia, 1986.

Barausse A. (a cura di), *Il libro per la scuola dall'Unità al fascismo. La normativa sui libri di testo dalla legge Casati alla riforma Gentile (1861-1922)*, Macerata, Alfabetica Edizioni, 2008, 2 voll.

Betti C. (a cura di), *Percorsi del libro per la scuola fra Otto e Novecento. La tradizione toscana e le nuove realtà del primo Novecento in Italia*, Firenze, Pagnini Editore, 2004.

P. Boero, *Una storia, tante storie. Guida all'opera di Gianni Rodari*, Torino, Einaudi, 1992 (nuova edizione: Torino, Einaudi, 2010).

Boero P., De Luca C., *La letteratura per l'infanzia*, Roma-Bari, Laterza, 1995.

Boero P., *Alla frontiera. Momenti, generi e temi della letteratura per l'infanzia*, Torino, Einaudi, 1997.

Boero P. (a cura di), *Storie di donne: Contessa Lara, Anna Vertua Gentile, Ida Baccini, Jolanda. Scrittura per l'infanzia e letteratura popolare fra Otto e Novecento*, Genova, Brigati, 2002.

Caimi L. (a cura di), *Infanzia, educazione e società in Italia tra Otto e Novecento*, Sassari, EDES, 1997.

Cambi F., Olivieri S., *Storia dell'infanzia nell'Italia liberale*, Firenze, La Nuova Italia, 1988.

Chiosso G. (a cura di), *Il libro per la scuola tra Sette e Ottocento*, Brescia, La Scuola, 2000.

Chiosso G. (dir.), *TESEO. Tipografi e editori scolastico-educativi dell'Ottocento*, Milano, Editrice Bibliografica, 2003.

Chiosso G. (dir.), *TESEO '900. Editori scolastico-educativi del primo Novecento*, Milano, Editrice Bibliografica, 2008.



Colin M., *L'âge d'or de la littérature d'enfance et de jeunesse italienne. Des origines au fascisme*, Caen, Presses Universitaires de Caen, 2005.

Colin M., «*Les enfants de Mussolini*». *Littérature, livres, lectures d'enfance et de jeunesse. De la Grande Guerre à la chute du régime*, Caen, Presses Universitaires de Caen, 2010.

Faeti A., *Guardare le figure*, Torino, Einaudi, 1972.

Faeti A., *Letteratura per l'infanzia*, Firenze, La Nuova Italia, 1977.

Fava S., *Percorsi critici di letteratura per l'infanzia tra le due guerre*, Milano, Vita e Pensiero, 2004.

Fava S., *Dal «Corriere dei Piccoli». Giana Anguissola scrittrice per ragazzi*, Milano, Vita e Pensiero, 2009.

Fanciulli, G.; Guidotti, E. Monaci. *La letteratura per l'infanzia*, Torino, SEI, 1928, pp. 282-284.

Gibelli A., *Il popolo bambino. Infanzia e nazione dalla Grande Guerra a Salò*, Torino, Einaudi, 2005.

Lanaro S., *Nazione e lavoro. Saggio sulla cultura borghese in Italia (1870-1925)*, Venezia, Marsilio, 1979.

Lollo R., *Sulla letteratura per l'infanzia*, Brescia, La Scuola, 2003.

Lollo R. (a cura di), *Il «Corriere dei piccoli» in un secolo di riviste per ragazzi*, Milano, Vita e Pensiero, 2009.

Mattioni I., *Da grande farò la santa. Modelli etici e valori religiosi nella stampa cattolica femminile per l'infanzia e la gioventù (1950-1979)*, Firenze, Nerbini, 2011.

Meda J., *È arrivata la bufera. L'infanzia italiana e l'esperienza della guerra totale (1940-1950)*, **Macerata, EUM, 2007.**

Meda J., *Stelle e strips. La stampa a fumetti italiana tra americanismo e antiamericanismo (1935-1955)*, **Macerata, EUM, 2007.**

Meda J., *La stampa periodica socialista e comunista per l'infanzia tra età giolittiana e fascismo (1902-1930)*, Firenze, Nerbini, 2013.

Montino D., *Le tre Italie di Giuseppe Fanciulli. Educazione e letteratura infantile nel primo Novecento*, Torino, SEI, 2009.

Polenghi S., «*Figli della patria*». L'educazione militare di esposti, orfani e figli di truppa tra Sette e Ottocento, Milano, ISU-Università Cattolica, 1999.

Polenghi S., *Fanciulli soldati. La militarizzazione dell'infanzia abbandonata nell'Europa moderna*, Roma, Carocci, 2003.



Raicich M., *Di grammatica in retorica. Lingua, scuola, editoria nella terza Italia*, Roma, Archivio Guido Izzi, 1996.

Sani R., *Sub specie educationis. Studi e ricerche su istruzione, istituzioni scolastiche e processi culturali e formativi nell'Italia contemporanea*, Macerata, EUM, 2011.

Sani R., *Education, school and cultural processes in contemporary Italy*, Macerata, EUM, 2018.

Valeri, M. *Letteratura giovanile e cultura popolare in Italia dal 1861 ai giorni nostri*. In: SOCIETÀ Umanitaria, *Letteratura giovanile e cultura popolare in Italia. Atti del Convegno svoltosi a Torino dal 2 al 4 giugno 1961 sotto il patrocinio del Comitato Italia '61*, Firenze, La Nuova Italia, 1962.

Recebido em: 23/11/2021

Aceito em: 10/12/2021